

HORA DE MOSTRAR A VERDADE

Roberto Rodrigues*

Os últimos dois meses foram pródigos em notícias - verdadeiras, inventadas ou estúpidas - que criaram dificuldades para a competitividade da nossa agropecuária.

E é essencial separar as mentiras da verdade nesse cipoal de desinformações recentes.

1- Incêndios na Amazônia: houve um pequeno aumento em 2019 sobre a média dos últimos 15 anos. Mas os produtores rurais são radicalmente contrários a queimar qualquer bioma e exigem ações mais concretas de governos para combater a prática. O aumento dos focos se deu por excessiva seca e muito calor na estação, o que sempre ocorre entre junho e setembro, aliado a incêndios criminosos que não ficaram só no Brasil, mas aconteceram em outros países da bacia amazônica e em todas as regiões brasileiras, aí incluídos trágicos incidentes no Pantanal, e até nas regiões produtoras de cana de açúcar e de pastagens. O calor no Sudeste também foi insuportável.

2- Desmatamento na Amazônia: esta prática caiu 72% de 2004 até este ano, mas houve um ligeiro acréscimo nos últimos meses. De novo, os produtores profissionais e suas entidades de representação têm manifestado reiteradamente sua posição frontalmente contrária ao desmatamento ilegal, em qualquer região do país. E anseiam pelo cumprimento do nosso rigoroso Código Florestal, ainda não completamente implementado por ações que tramitam no Judiciário. E agora houve um avanço com a aprovação na Câmara dos Deputados de um projeto de Lei que institui o Pagamento por Serviços Ambientais - PSA. De novo, não são os produtores profissionais os responsáveis por desmatamento, e sim outros agentes, provavelmente ilegais.

3- Defensivos agrícolas: este tema já está mais esclarecido, e é sabido que nosso país é o sexto colocado mundial no uso de quilos por hectare, atrás de Holanda, Japão, Bélgica, França e Inglaterra. Explica-se: fazemos duas ou até três safras por ano enquanto os países do hemisfério norte fazem só uma. E as pragas e moléstias tropicais são mais agressivas e em maior número que as dos temperados. A questão levantada agora é que o país está registrando moléculas novas de defensivos em muito maior quantidade que nos anos anteriores. É verdade, mas também é verdade que nos anos passados uma molécula demorava 3 ou 4 vezes mais anos para serem aceitos, o que nos deixava defasados tecnicamente com nossos competidores. De três anos para cá isso mudou para tirar o atraso, mas sempre com o maior rigor nas avaliações de risco.

Estes temas todos foram objeto de amplificação exagerada no noticiário interno e também no internacional.

E isso teve reflexos negativos, até mesmo quanto à questionamentos sobre a sustentabilidade da nossa produção agropecuária, fato que já teve algumas consequências no comércio internacional: alguns produtos nacionais, como o couro, deixaram de ser importados por certas empresas. E pode ter

desdobramentos para outros produtos, além de servir de argumento para interessados em não implementar o acordo comercial entre Mercosul com a UE. Já passa da hora de fazer uma campanha institucional mostrando a verdade, mesmo que seja necessário mostrar que existem erros não cometidos por produtores rurais, e que estamos comprometidos em corrigir todos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**